



# MUSEU AO VIVO



MUSEU DO ÍNDIO

Ano III

nº 07

Junho/92

Edição Especial



## Museu do Índio Funciona no Rio Há 39 Anos como Centro de Referência dos Povos Indígenas

*Along the last 39 years, the Indian Museum has been a reference center about the indian people.*

Foto: Major Thomas Reis



Rondon distribuindo brinde aos índios Ariti do Núcleo Indígena Utuariti (MT)

O serviço Cine-fotográfico do Museu do Índio reúne cerca de 40 mil imagens fotográficas e aproximadamente 80 filmes e vídeos que registram a realidade dos povos indígenas, alguns já desaparecidos. Mil e oitocentos negativos em chips de vídeo da Comissão Rondon (1907-1915) revelam os primeiros anos do indigenismo brasileiro.

(pág. 4)

*The film and photo service gathers about 40 thousand photos and more than 80 films and videos that show indian's customs, life and tradition. There is also The Rondon Commission's collection which shows the first years of the Brazilian indianism.*

(page 4)

# Índios Guarani no Rio de Janeiro lutam pela regularização de suas terras

*Guarani Indians in Rio de Janeiro fight for their land's regulamentation*

Foto: Gareth Moreira



Todas as crianças da Área Indígena de Bracul falam o Guarani.

Cerca de 200 índios Guarani vivem numa área de 700 hectares, em processo final de demarcação, no Município de Angra dos Reis, lutando pela sua sobrevivência física e cultural.

*Around 200 Guarani Indians live in an area of 70.000 m2 in Angra dos Reis. They fight for their physical and cultural survival and try to demarcate their land.*

## Expediente

Jornal do Museu do Índio, órgão da Fundação Nacional do Índio — FUNAI

Publicação trimestral

Jornalista:

Cristina de Jesus Botelho Brandão, reg. prof. 18.678

Consultoria Técnica:

Maria E. Brás Monteiro (Antropóloga)

Técnica de Laboratório:

Isidoro Domingos Lattânea

Colaboração:

Eatbe, Cidias, Bercolenti, Gareth Moreira, Carlos Augusto da Rocha Freire, Ana Maria da Paizão

Programação Visual:

Isabela Moisés e Isabela Socchin

Produção:

Jocimar Edigles

Diagramação e Montagem:

Marin Roberto

Edição Eletrônica:

Black Star - 242-3459

Distribuição gratuita

Nº 07 — Junho/92

Tiragem: cinco mil exemplares

Versão para Inglês:

Beatriz Laborgul

Museu ao Vivo:

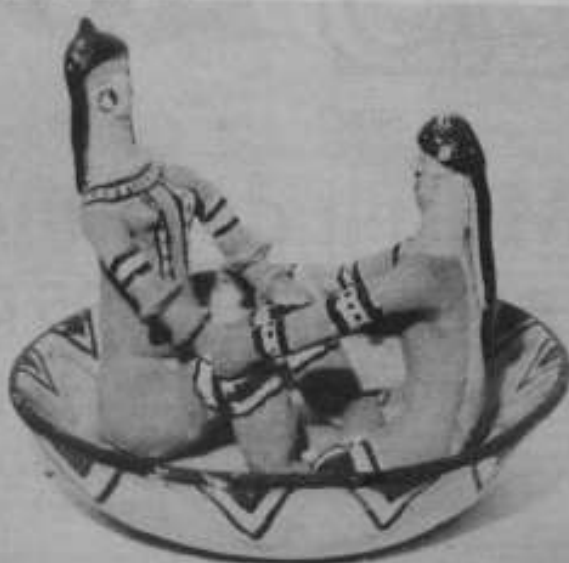
Edição pela Comunicação Social do Museu do Índio, Rua das Palmeiras, 55, Botafogo — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22.270

Tels.: 286-8899 e 286-2097 — Telefax: 286-0845 Telex: 37091

MV não se responsabiliza por conteúdos emitidos em matérias assinadas.

# Arte Indígena no Rio Design Center

Foto: Lattânea



## Cerâmica Karajá (TO)

Produções artesanais elaboradas pelos índios com função utilitária ou religiosa, de grande expressão estética, configuram arte indígena. As manifestações de criatividade se revelam na música, pintura, dança e artesanato. A relação dos povos indígenas com o meio ambiente também é refletida nas suas criações artísticas. Esse é o tema da exposição promovida pelo Museu do Índio, no Rio Design Center, para a Conferência do Rio.

São 53 peças (plumárias, cerâmicas, adornos e máscaras) representativas dos grupos indígenas Kaikapó (PA), Karajá (TO), Marubo (AM), Wai-Wai (RR), Apa-

iai (PA), Tapirapé (TO), Tikuna (AM), Kanela (MA) e povos do parque Xingu (MT), que permitem a divulgação ao público de aspectos do cotidiano indígena.

(Av. Ataulfo de Paiva, 270 - RJ)

*The Indian Art at the Rio Design Center*

*The Indian's relationship with the environment is reflected in their art. That the main theme of the exhibition at the Rio Design Center, where one can also see many other works of art home utensils, or religious objects belonging to the Brazilian Indians.*

## Biblioteca Marechal Rondon

Especializada em antropologia e política indígena, foi organizada, em 1953, junto ao Museu do Índio, para apoiar as pesquisas institucionais e fornecer subsídios a pesquisadores nacionais e estrangeiros.

Seu acervo, resultante da reunião das coleções dos extintos Serviço de Proteção aos Índios, Conselho Nacional de Proteção aos Índios e da biblioteca particular do Marechal Rondon, conta, hoje, com cerca de 30.000 peças entre monografias, periódicos, folhetos e teses sobre a temática indígena.

Entre suas diversas atividades destacamos a elaboração de levantamentos biblio-

gráficos sobre grupos indígenas, realizados em atendimento a solicitações internas e externas, e a reativação da coleção infanto-juvenil, para melhor atender a professores e estudantes do ciclo básico.

Horário de funcionamento:  
9h30m às 17h30m, de segunda à sexta-feira.

Beatriz Laborgul

Tel.: 275-7222

Tradutora Intérprete  
Translations into English

# Índios e Ambientes-Diversidades em Equilíbrio

“Lino João da Oliveira Neves

Para os povos indígenas “a questão da terra continua sendo crucial”; “o desenvolvimento econômico nacional exerce pressões sobre os territórios que ainda estão em poder dos povos indígenas... Essa evolução pode afetar a economia, o habitat e os sistemas sociais, religiosos e culturais dos povos indígenas”. Assim adverte a ONU, no informativo *Los Derechos de los Pueblos Indígenas*, de 1990, alertando para os problemas surgidos cada vez que povos vizinhos ampliam seus domínios sobre outros territórios ou que colonizadores, vindos de terras distintas, se apoderam, pelo uso da força, de novas terras, podendo em risco a existência dos povos indígenas.

Durante séculos, durante toda a eternidade anterior às mudanças advindas pela colonização europeia, a economia dos grupos indígenas esteve adaptada aos ecossistemas que permitiram o desenvolvimento de grupos humanos em tanto sociedades diferenciadas.

A questão que se apresenta nos leva à necessidade de refletir sobre a distinção, básica e antagônica, que opõe a sociedade brasileira aos grupos indígenas, cujos, mesmo após mais de quase 500 anos de dominação explícita através de suas relações com o meio ambiente um projeto de existência de compromisso não-predatório com as gerações futuras. Se em si estes “projetos” apresentam, hoje, desequilíbrios que podem comprometer a permanência futura não só das populações indígenas mas de todo o “ecossistema” Brasil, não fato deve ser visto não apenas como devito daqueles “projetos” originais mas como resultados equivocados de uma política desenvolvimentista que cada vez mais restringe os espaços de movimentação sustentável dos segmentos étnicos que compõem a população brasileira.

Para que qualquer colocação sobre a utilização pelos grupos indígenas do potencial de suas áreas como recursos econômicos tenha alguma validade, é necessário que a análise sobre a

Foto: Lamônica



Floresta Amazônica / 72

racionalidade de exploração dos recursos naturais se enquadre não apenas nas relações de produção dominantes. Nesse sentido, o conceito de racionalidade (ou racionalidades) não pode tomar o “índio” unicamente como agente de produção, mas deve considerar, segundo cada caso particular, a situação de contato estabelecida entre a sociedade brasileira e o grupo étnico, e, principalmente, o próprio grupo segundo seu sistema cultural específico. Ou seja, a conciliação da racionalidade de exploração pelos grupos indígenas dos recursos de suas áreas deve, necessariamente, considerar o contexto de relações entre grupos étnicos diferenciados (minorias étnicas e sociedade nacional) e não apenas a perspectiva econômica daquela exploração.

A questão indígena não é uma questão de ordem econômica. Tampouco os aspectos econômicos decorrentes das relações dos grupos indígenas com a sociedade brasileira são questões étnicas e exclusivamente dessa ordem. Antes de todo e qualquer outro aspecto, questões econômicas, ecológicas, sociais e políticas presentes no relacionamento entre índios e sociedades nacionais são derivações da nova situação que põe em confronto concepções e interesses étnicos diferentes, administrados de modo unitário segundo as perspectivas sociais, políticas e

econômicas do grupo dominante colonizador.

Conflitos e disputas territoriais de qualquer espécie são questões de ordem política, o que, no contexto de relações entre sociedades culturalmente diferentes, corresponde a dizer questões de ordem étnica. Assim, conflitos e disputas envolvendo grupos indígenas não eminentemente disputas étnicas não podendo ser tratadas de modo simplista através de decomposição em seus vários aspectos de ordem econômica, ecológica, jurídica, etc...

A crise ambiental impõe novos direcionamentos às políticas econômicas, implicando desafios às relações entre os diferentes Estados e, no interior destes, com os segmentos étnicos e sociais circunscritos em suas fronteiras nacionais.

No âmbito das sociedades nacionais se estabelecem os conflitos entre preservar florestas para o uso comum do conjunto da população; reservar terras para o uso exclusivo dos grupos étnicos; garantir condições de sobrevivência social e política aos grupos étnicos no contexto das relações interétnicas.

A emergência da crise ambiental resgata os índios como exemplo de equilíbrio ecológico paradigmático no momento em que, por sua subordinação às relações políticas e sua inserção no mercado de consumo, começam a perder o controle de aspectos étnicos que davam o seu desenvolvimento e sua manutenção temporal.

Não se pode postular, no entanto, alternativas indígenas de conservação dos índios em seu estado “natural”, como se se pretende mantê-los em reservas ecológicas. O que se faz necessário são proposições políticas — político-sociais, político-ambientais, político-econômicas — que permitam a estes grupos reconstituírem um modo de sobrevivência física e étnica dentro do novo contexto de relações com a sociedade ocidental.

O que se deve é registrar a impossibilidade de encaminhamento dos grupos indígenas para a construção do planejamento de um “ecodesenvolvimento”, ou de um “desenvolvimento sustentável”. O que se pretende aqui é sugerir que,

Foto: K. Forthmann



Índio Bororo pescando no Rio São Lourenço (MT) 43

uma aproximação necessária de diálogo com a economia e o ambientalismo, a antropologia dos grupos indígenas pode contribuir nessa busca por caminhos que indiquem momentos mais duradouros de equilíbrio nas relações homem-natureza, momentos estes que necessariamente, deverão passar pela reflexão acerca das relações homem-homem, cujos resultados afetam o futuro comum.

Não sendo ditado por regras sócio-culturais, as preocupações com a sobrevivência do planeta, individualizadas comuns, não podem se reduzir à guerra ideológico-filosófica de ecologia contra o antropocentrismo, que dissociaria sociedade e natureza. O centro de nossas atenções deve voltar-se para os homens em sociedade e em suas interações com o meio ambiente, como partes ativas — homens e meio — das relações sócio-ecológicas e indispensáveis que constituem um “ecossociosistema”.

Texto extraído a partir de “Ecologismo Indígena: o redescoberto da economia indígena pela crise ambiental. (Trabalho apresentado no XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 13-15 de Abril de 1992, Itajaí Horizonte-MG.)

Museu do Índio, Maio de 1992  
\*Mestrado em Antropologia Social/UFSC  
e Chefe de Divisão de Etnologia Indígena e Linguística do Museu do Índio.

## Acervo histórico no Museu do Índio

### The historical collection at the Indian Museum

O Museu do Índio possui um variado acervo etnográfico: são 10 mil peças confeccionadas pelos povos indígenas brasileiros, como máscaras, adornos, cestarias, objetos de cerâmica e madeira, instrumentos musicais e brinquedos. Além do artesanato Bororo, coletado pelo Marechal Rondon, destacam-se as coleções de cerâmicas e cestarias Kaikówa (1948) e de plumária Urubá-Kaapor (1950) reunidas por Darcy Ribeiro.

Entre o acervo museológico mais contemporâneo estão as peças coletadas, na década de 70, pelas equipes de etnólogo dos grupos indígenas Waimiri-Atonari, Parakanã e Kreen-Akarom.

At the Indian Museum one can find about ten thousand pieces of art, like masks, baskets, ceramic and or wood home utensils, musical instruments and toys, all of them made by Brazilian Indians.

Among them, there are many pieces of Bororo's handicraft which were collected by Rondon and the wonderful Kaikówa and plume Urubá-Kaapor ceramics and painted pieces of leather gathered by Darcy Ribeiro.

More recent things, like those collected at the 70 can also be found. These are hand-made Waimiri-Atonari, Parakanã and Kreen-Akarom pieces of art.

Foto: Lamônica



Plumária Kanela (MA)

O público, ao visitar o Museu do Índio, conhecerá também a LOJA ARTÍNDIA, onde pode ser adquirido artesanato dos diversos grupos indígenas do Brasil.

Horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8h00m às 17h30m.

Telefone: 286-8799

Visiting the Indian Museum, people can buy a large number of hand made Brazilian Indian objects at the "ARTÍNDIA" shop.

Open: from Monday through Friday from 8:30 AM to 5:30 PM.

Phone: 286-8799

## Futuro e tradição caminham juntos

### Future and tradition walk along together

Muito antes da chegada de Hernán Cortez à América, os índios do largo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, os índios de língua Guaraní, faziam a utilização da erva-mate. Bebendo a infusão de folhas de erva, os índios embelezavam suas fitas, alisavam seu corpo e curavam suas doenças. Hospedaram e guardaram, desde sempre, o hábito de beber mate entre os colonizadores portugueses e espanhóis, que fizeram de bebida uma tradição latino-americana.

Quando preferido do povo mate são os matos de paineira (*Argemone sp. gossypifolia*) do planalto sul brasileiro, nas encostas e nos vales dos rios que ocorrem à região. A concentração da erva ocorre na primeira parte do rio São Mateo Grosses do Sul, Sul do Paraná, Santa Catarina, Nordeste Rio Grande do Sul, Leãozinho do Paraguai e Argentina.

Habitualmente, o fabrico econômico de erva-mate empregam o seu melhor desenvolvimento no Estado do Paraná, na vila do bairro VILA, economia criada em resposta pela indústria das empíreas e da erva que foram criadas no mesmo período de grande progresso (1901) que Agostinho Brachet, de Leão Júnior (Uruguai, em Curitiba, e Leão Junior, uma empresa que, desde então, vem atuando no ramo de erva-mate, fabricando produtos de primeira qualidade. Hoje, a Leão Júnior é o maior fabricante mundial de produtos deste gênero.

A erva-mate, comercializada pela Leão Júnior, em grande parte produzida em suas próprias fazendas nos municípios paranaenses de São Mateus do Sul, Angel, Pinari e Teixeira Sócios. São 2.725 hectares de terras férteis, sendo que 1.725 ha são ocupadas por floresta nativa.

Nestas terras, a Leão Júnior está desenvolvendo o "PROGRAMA DE ADENSAMENTO FLORESTAL", uma iniciativa da empresa no sentido de preservar as áreas de floresta nativa para garantir o equilíbrio ecológico e o aumento de produção de erva-mate.

Apresenta-se básica do Programa é o cultivo de plantas das florestas existentes com o plantio de grãos. Cerca de 1.725 hectares de floresta nativa em um processo de adensamento que irá manter todas as espécies de plantas nativas, manter a fauna e reduzir o ataque de pragas e doenças, permitindo assim a colheita.

A erva-mate produzida na floresta será de qualidade superior e, através do PROGRAMA, a Leão Júnior aumentará sua produtividade sem tirar o meio ambiente.

The Leão Júnior is developing a forest thickening program which aims to preserve the forest areas and warrant the ecological balance, besides increasing "Paraguay tea" production.



Leão Júnior S.A.  
Av. Getúlio Vargas, 253  
80 230 Curitiba, PR

## Pensar a história para construir o futuro

\*Carlos Augusto da Rocha Freire

Um mergulho no acervo do Serviço Cine-fotográfico do Museu do Índio certamente ajudaria as sociedades indígenas e seus aliados a se aproximarem de uma época ainda pouco conhecida do indigenismo brasileiro.

Constituído por cerca de 40 mil negativos, o acervo fotográfico possui imagens oriundas dos trabalhos da Comissão Rondon no Mato Grosso e no Amazonas; fotos raríssimas que ilustravam os relatórios das antigas Inspetorias do Serviço de Proteção aos Índios-SPI e quase todo o fundo fotográfico produzido pelos etnólogos e fotógrafos da Seção de Estudos do SPI nos anos 40 e 50. Algumas fotos são valiosas e dramáticas, documentando grupos indígenas considerados extintos.

A diversidade encontrada na formação desse acervo permite a antropólogos, historiadores e pesquisadores em geral empre-

garem as fotografias para desvendar e repensar um período da história indígena e do indigenismo no Brasil.

Ao mesmo tempo, como muitas fotos mostram o contato estabelecido entre as sociedades indígenas e a nacional, os índios e suas lideranças têm à sua disposição um instrumento importante para o conhecimento dessa relação: elas revelam a ação dos militares desbravando territórios indígenas desconhecidos, expõem a presença dos missionários influenciando a cultura indígena e, principalmente, esclarecem o trabalho educativo e "civilizatório" realizado pelos indigenistas do SPI.

Conhecer as várias fases dessa história neste século possibilita o fortalecimento da memória indígena e estimula a conscientização que deve embasar qualquer intervenção esclarecida na política indigenista brasileira.

\*Antropólogo, pesquisador do Museu do Índio.

Foto: autor não identificado



O cacique Vegmon — índio Kaingang do Paraná — foi um dos intérpretes do Serviço de Proteção aos Índios — SPI durante a pacificação dos Kaingang de São Paulo.

The tribal chief Vegmon, a Kaingang indian from Paraná, was one of the Indian Protection Service's interpreters at the Kaingang's peace treaty in São Paulo.

### Dois momentos na vida dos bororo:

#### Two moments at the Bororo's life:

Foto: autor não identificado



Doutrinados pelos Missionários Salesianos numa colônia indígena estabelecida por estes religiosos no Mato Grosso.

Indoctrinated Indians in a colony established by Salesian Missionaries in Mato Grosso.

Foto: Major Thomas Reis



Índios do Rio São Lourenço ornamentados para um ritual fúnebre. The São Lourenço (Saint Lawrence) River Indians ready for a funeral ritual.

No momento, a exposição permanente do Museu do Índio está fechada para reforma. Desde a sua instalação na atual sede, a instituição enfrenta problemas relativos às condições físicas do prédio e ao espaço para execução de suas atividades. A Divisão de Documentação, incluindo os Serviços de Documentação, Biblioteca e Cine-fotográfico, e a Loja Artística mantêm seu atendimento normal ao público.

O Museu do Índio está aberto de segunda a sexta-feira, das 10 às 17h30m.

Although the Document Division, the Library and the Film and Photo services are open to public, the permanent exposition at the Indian Museum is closed in order to be repaired. Since its recent transference to this building, it has suffered with the bad physical conditions of it.

The Indian Museum is open from Monday through Friday, from 10 AM to 5:30 PM.

**USANDO A TRADIÇÃO**  
**E ABUSANDO DA QUALIDADE**

IMPRESSO